

**A FESTA DE NOSSA SENHORA DA GUIA E O IMAGINÁRIO MODERNO NA
CIDADE DE PATOS: A ELEGÂNCIA NO PAVILHÃO CENTRAL E A
ANIMAÇÃO NA “BAGACEIRA”**

Josinaldo Gomes da Silva¹

Volve um olhar risonho sobre Patos
Que é tua desde o teu primeiro dia,
E para Deus dirige os nossos atos,
Ó Virgem Santa Senhora da Guia! (bis)

As tuas bênçãos para nós tão caras,
Manda durante toda a nossa vida,
Sobre o vale formoso do Pinharas,
Onde quiseste erguer a tua ermida

Nas horas intranqüilas da tormenta
O teu riso de amor e de alegria,
Seja vigor, que nossa força aumenta,
Seja farol, que para o Céu nos guia!

E se amar não soubermos ao senhor,
Ama-o por nós, e dize ao bom Jesus
Que faça nosso o teu imenso amor,
Como Ele, Filhos teus, nos fez na Cruz²

¹ O autor é mestrando em História na UFCG –Universidade Federal de Campina Grande –PB. O presente pertence a dissertação de mestrado que será defendida em março de 2011.

² O hino em epigrafe dedicado a Nossa Senhora da Guia padroeira da cidade de Patos, é uma composição do Padre Fernando Gomes e musicado pelo professor Pedro Marinho. O referido hino expressa de forma clara importância da religião católica para os patoenses, desde os mais remotos tempos. Todavia, apesar do imaginário construído que acena para uma unidade religiosa e por sua vez social, na referida cidade, o que se pode perceber, na própria festa anual, que tem como principal objetivo expressar tal unidade, é a segregação social entre pobres e ricos, que se dividem em territórios que se confrontam.

Considerações Iniciais

As festas anuais dedicadas à padroeira da povoação, depois vila imperial, e em seguida, cidade de Patos, se constituíram num momento de grande importância para pobres e ricos, todos dedicavam oferendas (dentro das condições possíveis) para a “Virgem Santa” e nos dias dedicados a festa, a grande maioria dos moradores da cidade e também da zona rural do município marcavam presença, seja nas atividades religiosas, seja nas atividades profanas. E dessa forma até mesmo o ritmo de trabalho era alterado, e no dia 24 de setembro dia do encerramento da festa os fiéis não trabalhavam. Até o início do século XX a festa dedicada à padroeira da (então cidade de Patos³) parece que se resumia a parte religiosa, porém de acordo com o depoimento do Major Sebastião Fernandes, a partir de 1913 a festa da guia passou a contar com a prática do passeio público (SOUSA, 2001). Ainda na década de 1910 a festa tomou um grande impulso com a participação da Philharmonica Patoense, - fundada em 10 de novembro de 1915⁴ - nas famosas retretas e alvoradas. As novenas, as missas, as procissões e o pavilhão tiveram uma maior animação e um brilhantismo todo especial, inclusive servindo anualmente como ponto de convergência para todos os filhos daquela terra. Todavia, antes de 1917 (ano em que é inaugurado o sistema de iluminação pública a acetileno, sob a responsabilidade da Prefeitura Municipal⁵) é bastante provável que todas as cerimônias (inerentes a festa) ocorressem à tarde. Tendo em vista que a escuridão não permitia que adentrar-se a noite.

No ano de 1914 ocorre a criação do jornal O FESTIVAL por Florentino Jr. e Genésio Gambarra vendido ao preço de 100 réis o exemplar, do jornalzinho literário, humorístico e noticioso trazia o subtítulo: “Edição de A Voz do Sertão” mostrando com isso que era uma espécie de filhote do primeiro jornal surgido em Patos, naquele mesmo ano e com as mesmas figuras: Florentino Jr. e G. Gambarra. Muito bem feito para ser um pasquim de festa, O FESTIVAL fazia crônica social da terra, promovia concursos de beleza e de simpatia, além de criticar autoridades e lideranças. De suas colunas, as mais interessantes eram: crônica; perfil único; novidades velhas; concursos; eu vi ontem; necrologia. Nesta última, um acinte a um rapaz da época, chamado Thomaz: “Colheu mais um cravo de defunto na sua infeliz existência o nosso amigo Thomazinho ... Soubemos de fonte limpa que a sua coió (delle) mandou-lhe um cacho de bananas. Requiescat in pace”. “Nas páginas da única edição encontrada, cedida pelo nosso conterrâneo Oswaldo César Porto, só encontramos um pseudônimo: faísca. Referimo-

³ Considerando que em 24 de outubro de 1903 a Lei nº 200 eleva a até então Vila de Patos, a condição de Cidade.

⁴ Jornal “A voz do sertão, 15 de novembro de 1915

⁵ FERNANDES, Flávio Sátiro. Na rota do tempo: datas, fatos e curiosidades da história de Patos. João Pessoa: Imprell, 2003. P.187

nos a edição de 29 de dezembro de 1914, nº 3, ano I noite dos solteiros⁶. Naquele ano a festa foi realizada no mês de dezembro com encerramento no dia 30. Todavia, antes da criação de O FESTIVAL, o jornal A voz do Sertão em seu número 25 de 08 de novembro de 1914 trouxe toda a programação dos novenários e seus respectivos noitários:

Novenário

1ª noite

Cônego Machado, Pe. José Viana; major Silvino Xavier, Cel Canuto Rodrigues e Capitão Manoel Alves Camboim.

Programadores – Cônego Machado e Pe. Vianna.

2ª noite

Almocreves e agricultores. Procuradores – Pedro Isidro, Antonio valente José Meira Chagas Lima. Manoel ...Zacarias Ferreira, Cel. José Rodrigues Minéo Leite, José Lopes e Justino joça.

3ª noite

Donos de vapores, engenhos e bolandeiras.

Procuradores – cel. Roldão Meira, major Francisco Wanderley, cap. José Thomas Cabral, Francisco Pereira da Silva e Zacarias Baptista.

4ª noite

Fazendeiros e criadores. Procuradores – capm. Jose Mendes da Nóbrega, Antonio Carneiro, Pedro Dantas Cícero Alves Torres e Laurenio Queiroz.

5ª noite

Funcionários públicos. Procuradores – Cel. Miguel Sátyro, Cel Fenelon Bonavides e Adelno Raphael.

6ª noite

Artistas

Procuradores – João de Barros Liasar Hermínio dos Santos e José Florentino Junior

7ª noite

Commercio

Procuradores coronéis José geronimo ribeiro, Aristides marques, José vieira Manoel hypolyto, Luiz de faria vieira arquimedes do Amaral e Josias Nóbrega

8ª noite

Senhoras casadas

Procuradoras – donas capitulina sátyro, mariana Nóbrega, Maria Firmino, minú bonavides, Maria Dolores, izaure gambarra, Elvira pontes jonanna porto e Cristina marques d'almeida.

9ª noite

Solteiros

⁶ ARAÚJO, Fátima. Paraíba imprensa e vida: 2. Ed. Campina Grande – PB: GRAFSET, 1986

Procuradores – senhoritas Maria Amélia, Julia Meira, euridicie Cabral, Antonia Gomes, Severina ribeira lourenita bezerra e Emilia Cabral.

Dr. Pedro Firmino, João campos, Horácio ribeiro Cícero Meira Jose de farias e Antonio de Souza.

Comissão para decoração da igreja donas Adelina Ayres, Quinoca Machado, Maria Nunes, Cassimira do Rosário e Izabel Cabral.

Procuradores geraes da festa – dr Fenelon Bonavides dr. Jose Genoino Lustosa Cabral e Genésio Gambarra.

Entretanto, a referida programação, no que diz respeito a distribuição dos noitários, homenageia principalmente os: donos de vapores, engenhos e bolandeiras, funcionários públicos, comerciantes, senhoras casadas, e solteiros⁷. Numa clara demonstração da manutenção das diferenças que operam no mundo diário.

Nas festas da ordem, a ênfase é sempre colocada na ordem, na regularidade, na repetição, na marcha ordeira, no cântico cadenciado, no controle do corpo que, repito, remete à idéia de sacrifício e disciplina, esses dois ingredientes básicos da promessa. Aqui, o mundo é englobado e apresentado pelas posições sociais que a sociedade considera importante. Seu foco é nas autoridades: Deus, Pátria, Saúde, Educação e instrução. Nisso, eles revelam, ampliando, as diferenciações sociais já existentes no mundo diário, onde as pessoas efetivamente se distinguem por meio de cadeias hierárquicas que indicam e revelam sua importância na reprodução da ordem social conhecida. Desse modo, se uma pessoa é presidente, governador, senador, deputado, secretário, juiz ou professor, é exatamente assim que deve aparecer nos ritos da ordem. (DA MATA, 2001:85)

Na década de 1920 com a chegada da energia elétrica⁸, a parte profana da festa passa a se estender cada vez mais noite a dentro. A partir de 1926 sua programação já era realizada no mês de setembro e era organizada por quatro comissões: central, jovens, ornamentação e uma destinada a arrecadação de fundos⁹. Ainda na década de 1920, sugeriram vários “jornais oficiais da festa” que quase sempre de forma jocosa davam uma nova dinâmica ao evento. Em nossa busca por vestígios que nos autorize “narrar” os acontecimentos inerentes ao grande evento religioso de Patos, tivemos acesso a alguns exemplares dos famosos “jornalinhos” que circularam no final da década de vinte, a exemplo do Flirt número I, ano II que circulou em 03 de setembro de 1928, estando o referido periódico em seu ano II, mostra que já havia circulado na festa

⁷ Entendamos portanto, que apesar da abrangência do termo (senhoras casadas, solteiros) os grandes homenageados nas referidas noites eram apenas as esposas e filhos dos representantes dos extratos sociais que já haviam sido homenageados nas noites anteriores, a exemplo dos donos de vapores, bolandeiras, funcionários públicos, entre outros.

⁸ Em 1921 instalou-se a energia elétrica na cidade de Patos, através de um gerador, cuja montagem foi confiada ao engenheiro Cavalcanti. Patos em revista, edição histórica, 2005, p.07

⁹ Patos em Revista, edição histórica, 2005, p.108

do ano anterior. Em 21 de setembro de 1929 é a vez do Fuzarca, suplemento da Gazeta de Patos, em seu ano II. Os referidos periódicos, além dos editoriais, eram compostos por colunas que destacavam os principais acontecimentos sociais de Patos. E assim sendo o número I do Flirt que circulou durante a festa de 1928 trouxe um editorial que procurava mostrar a ansiedade com que o povo patoense esperava a festa da sua padroeira.

Satisfazendo a ansiedade do povo, o afan que ha muito se vem manifestando no espirito geral chegou afinal setembro e com elle alegria exuberante se expande n'uma eclosão de prazeres latentes que adormeciam sonhados com os risinhos dias da festa. E o alvorecer de domingo, veio encontrar em todas physionomias a satisfação estetupendas, com o estyma denunciador de prazer que em todos os corações lateja, fremindo e pulsando em ardores e arrebatamentos¹⁰.

Fica claro pelo o exposto, que a festa em questão, pode ser tratada como um acontecimento que alterava a rotina da cidade, durante os dez de sua programação, a cidade era transformada, carrosséis eram instalados, barracas armadas, as cerimônias religiosas se tornavam mais constantes, e claro o pavilhão social com bebidas, leilões e retretas animavam as noites e, por conseguinte atraíam um grande número de pessoas para a cidade, e isso contribuiu para que o referido ritual, representar-se um “momento fora do comum que é planejado e tem tempo marcado para acontecer, portanto, é um espelho muito importante pelo qual a sociedade se vê a si mesma e pode ser vista por quem quer que deseje conhecê-la” (DA MATA, 2001:71). Nessa perspectiva, nas páginas que seguem, o nosso propósito se faz perceber como os patoenses se comportavam nesse grande encontro anual na cidade de Patos.

1. As festas da ordem e o imaginário moderno: a elegância no pavilhão central

Na década de 1940, a cidade de Patos já era portadora de alguns ícones da modernidade, a exemplo da energia elétrica, que foi instalada na cidade no ano de 1921, o Cine Eldorado que abriu as suas portas em 1934, a difusora A Voz das Espinharas que além de divulgar os acontecimentos locais trazia as notícias da BBC de Londres¹¹, os caminhões e automóveis já haviam substituído o transporte animal e as sirenes das usinas de algodão já suplantara o canto das seriemas. E neste contexto, o padre Fernando Gomes resolve derrubar a igreja simples, que nunca teve forro e o seu piso foi sempre de cimento, mas que serviu aos religiosos por aproximadamente 36 anos. Os trabalhos da nova igreja foram iniciados em 02 de julho de 1940, sendo que a inauguração da igreja nova da Rua Grande se deu dentro das festividades de setembro,

¹⁰ O FLIRT, ano II, 03 de setembro de 1928

¹¹ Sobre esse assunto ver: SILVA, Josinaldo Gomes. A cidade revelada em memórias: sinais do moderno em Patos. in: I seminário Nacional Fontes documentais e pesquisa histórica. Campina Grande PB: UFCG, 2009

(dedicada a padroeira de Nossa Senhora da Guia) do ano de 1942. E já no dia 14, foi colocada a Custódia no ápice de sua torre que tem uma altura de 38 metros e que fora uma oferta de Custódio José Pessoa. Quanto ao relógio, (o de mostrador redondo) de procedência das oficinas Salesianas de Juazeiro, foi uma doação dos nove sócios da mina de ouro de São Vicente¹². Tudo leva a crer que apesar da festa inaugural as obras do templo ainda não haviam sido concluídas totalmente, tendo em vista que o jornal oficial da festa, “O Leso” na sua edição de 18 de setembro de 1942, tratou do evento nos seguintes termos:

A dosagem de brilhantismo que envolveu a inauguração da Custódia do nosso magestoso templo, no dia 14, bem provou que estamos disposto a enfrentar todas os esforços e energia para maior animação nas noites que se seguem, afim de, ao mesmo tempo que nos divertimos angariarmos recursos preciosos para a conclusão dos trabalhos de nossa Matriz. Por conseguinte, se faz necessário que esse ardor do primeiro dia, prossiga a passos largos para que possamos alcançar o tão precioso fim a que nos dedicamos.

Percebe-se então, a partir da citação acima, que em 1942 a festa transcorreu embasada no clima de conclusão do novo e moderno templo, que seria mais um ícone do moderno que marcaria presença naquela urbe. E neste contexto, o imaginário moderno, que tinha como centro as grandes metrópoles mundiais, a exemplo de Londres, Paris, Berlim, metrópoles essas que na segunda metade do século XIX, passaram por um processo de modernização, que intensificou o estado de espírito, definido por alguns estudiosos, e a exemplo David Harvey, como modernidade. Vai gradativamente incorporando-se ao imaginário dos patoenses. Todavia, não se faz nosso propósito estudar a chegada do moderno numa cidade do interior paraibano, cidade essa que na época estudada tinha menos de 10 mil habitantes, usando os mesmos critérios com que autores a exemplo de Simmel, Benjamim, entre outros, estudaram a modernidade nas grandes capitais do mundo no século XIX. Porém, se faz nossa intenção perceber a presença desse imaginário, tendo como parâmetro a chegada dos chamados equipamentos modernos nessa ou naquela cidade. Assim sendo, procura-se investigar a presença do moderno na cidade de Patos, a partir do cotidiano da festa da padroeira, e assim perceber como os patoenses se comportavam em seus momentos de lazer, pois:

muitos estudiosos pensam sobre a sociedade como se não existisse a noção de lazer e intelectuais audaciosos, ao buscar novos sistemas que desejariam mais próximos da atual realidade, deixam-na de lado. Pretendemos demonstrar que essa subestima teórica, conferida ao lazer, poderá levar a engendrar sistemas que, desde seu início, estarão privados de uma parte da vida. Para chegar ao problema geral, apresentado pelo lazer na cultura contemporânea, não bastará pesquisar os problemas do homem através do cinema, do esporte, do teatro ou da televisão. O lazer já tendo sido reconhecido em sua amplitude e

¹² SOUSA, 2001, p. 32

estrutura complexa e ainda nas suas relações como os demais aspectos de nossa civilização maquinista e democrática, não mais pode ser considerado como um problema menor, sem importância e características próprias, colocado no fim da lista dos problemas importantes e na dependência de existir ainda, tempo e dinheiro para que seja levado em consideração. (DUMAZEIDIER, 1976:19-20)

Nessa perspectiva, a dinâmica da festa da padroeira de 1943 expressa claramente o momento que a cidade vinha vivendo, pois sente a iminência da chegada do trem de ferro¹³, um sonho que há décadas povoava o imaginário dos cidadãos daquela urbe. Neste contexto, as lágrimas multicores dos fogos de artifício clareavam a cada momento o espaço, eram pingos de luz que salpicavam a noite dedicada aos funcionários do Departamento Nacional de Estradas de Ferro. A harmonia dos hinos que a Schola do Cônego Amâncio executava, era bem a imagem das preces que os funcionários da RVC (Rede Viação Cearense) dirigiam aos céus. No Pavilhão eles organizaram o seu banquete, onde incorporados, demonstraram que comungavam com os patoenses o ideal de ver o templo da Virgem concluído. Ao mesmo tempo, que isso se passava, numa grande mesa posta, reunidos se achavam os boiadeiros de Patos e outras cidades emprestando a sua solidariedade aos festejos da noite. Foi a união do abôio másculo do boiadeiro do Nordeste com o silvo estridente da locomotiva. Enquanto eles tomavam o seu copo de cerveja o Orfeon de Parelhas cantou a quatro vozes “minha casinha”, a melodia que traz alegria e orgulho ao cearense como homenagem aos ferroviários. Prestou também homenagem aos boiadeiros e aos sacerdotes presente as festividades. A noite dos ferroviários foi portanto uma combinação sublime de aboios, silvos de locomotivas e vozes femininas de um orfeon admirável¹⁴.

Na década de 1950, novas mudanças vão se incorporando ao cotidiano da cidade, mudanças essas que poderiam também ser percebidas, no cotidiano da festa. Novos personagens passaram a fazer parte da comissão central, e também marcar presença no pavilhão central, eram os novos ricos, muitos desses tinham conseguido juntar fortunas como comerciantes, e agora pousavam como socialites (apesar de haver desconfiança com relação ao enriquecimento rápido daquelas pessoas). E para que fossem reconhecidos como tal precisavam aparecer de alguma forma. E neste contexto, o pavilhão central tornou-se lócus privilegiado para que esses novos ricos mostrassem que poderiam ser incluídos na sociedade patoense. E por isso as roupas se constituíam um dos principais itens para esse momento, e assim sendo nas noites de festa a Rua Grande tornava-se palco de um verdadeiro desfile de modas. Onde os homens desfilavam com seus ternos de linho Diagonal, e as mulheres com seus ricos vestidos, (muitos deles de linho) que eram confeccionados um para cada noite. Como a rua ainda

¹³ SILVA, Josinaldo Gomes. A estação ferroviária de Patos e as sensibilidades do moderno (1950 – 1960). In: X Encontro Nacional de História Oral. Testemunhos: história e política. Recife –PE: UFPE, 2010

¹⁴ O Espião – jornal oficial da festa da padroeira – ano III, número I, Patos, 23 de setembro de 1943.

não era calçada, todos os anos, (durante os dias de festa) a prefeitura mandava aguar diariamente o leito da rua, principalmente no trecho onde se erguia o pavilhão central e a “bagaceira”. A água era trazida no caminhão tanque da prefeitura e em seguida usando latas os aguadores a espalhava pela rua. Um cheiro bom de terra molhada subia nas tardes quentes de setembro¹⁵ e, sem poeira à noite o povo podia transitar livremente sem que manchasse as roupas que haviam sido adquiridas com exclusividade para o evento. Pois seriam elas um dos itens de identificação e de diferenciação na apresentação que ocorria no pavilhão central todas as noites. Contudo, sobre a moda como meio de identificação e diferenciação social, vejamos o que diz Simmel:

As condições vitais da moda como uma manifestação constante na história da nossa espécie podem assim descreve-se. Ela é imitação de um modelo dado e satisfaz assim a necessidade de apoio social, conduz o indivíduo ao trilho que todos percorrem, fornece um universal, que faz do comportamento de cada indivíduo um simples exemplo. E satisfaz igualmente a necessidade de distinção, a tendência para a diferenciação, para mudar e se separar (...) por isso, a moda nada mais é do que uma forma particular entre muitas formas de vida, graças à qual a tendência para a igualização social se une à tendência para a diferença e a diversidade individuais num agir unitário (SIMMEL, 2008:24)

Além de todo um conjunto de protocolos que marcavam a dinâmica do pavilhão central, a eleição da miss festa, oportunidade em que a população escolhia a moça mais bonita, mais elegante, mais graciosa da festa, era um dos eventos mais badalados, os jornais oficiais davam enfoque especial ao referido concurso, inclusive acompanhavam o desenrolar da votação. E assim sendo, tanto para a moça quanto para a sua família era sinal de orgulho torna-se vencedora do concurso. Para se ter uma idéia da importância que a referida competição representava, encontramos no jornal o espião de 23 de setembro de 1943, (um dia antes do encerramento da votação) a relação das candidatas com seus respectivos votos, sendo que somente as três primeiras colocadas já haviam contabilizado quase 50 mil votos. Número bastante elevado se comparado com a população da época.

Maria José Cezar	27.000
Marli Costa	20.845
Maria Alice Fernandes	6.955

Portanto, essas sociabilidades que se expressavam naquele momento de lazer, marcadas pela segregação social (separação de pobres e ricos) convergiam para o estabelecimento de territórios, temática essa que discutiremos no próximo item.

2. A “bagaceira” o território animado da festa: a inversão da ordem

¹⁵ Fernandes, Flávio Sátiro. A festa de setembro. João Pessoa – PB: Letras e Artes, 1996

Assim como nos demais ritos da ordem, na festa da padroeira de Patos, a divisão social se expressava de forma bastante clara, e dessa forma, mesmo não sendo proibida a presença de populares no pavilhão central (havendo restrição apenas para a presença de meretrizes) esses não se sentiam bem naquele lugar, pois percebiam que não eram aceitos ali. E isso nos remete ao conceito de território.

Na perspectiva de Rolnik, os territórios que compunham a cidade se estruturaram em torno de um conjunto de práticas sociais e culturais cotidianas dos seus moradores. Ruas, quitandas, vendas, igrejas, mercados, rios chafarizes e lugares diversos assumem as marcas de rituais e práticas sociais de negros, imigrantes e brancos pobres nacionais, contribuindo na luta pela sobrevivência material e espiritual, transformando esses lugares em espaços de múltiplas práticas, em torno dos quais constroem suas identidades e relações de solidariedade e afetividade, muito embora também sejam marcados por conflitos, lutas políticas e práticas culturais divergentes (SOUSA, 2006:108)

A “bagaceira” era um mundo de animação e alegria. Estendia-se pela Rua Grande e por algumas transversais. Nela predominavam as barracas de palha. Os mais afortunados levantavam-nas de madeira, aproveitando velhos caixões imprestáveis. Em todas as barracas, serviam-se bebidas, tira-gostos, pequenas refeições. Mesinhas e tamboretas eram dispostos de modo a aproveitar o máximo o pequeno espaço. Na rua formava-se apertado passeio, o povo indo e vindo, muitos namorando. Ali era onde o povo se divertia. Enquanto nos pavilhões o povo se comprazia em animadas palestras regadas a uísque e cerveja, na bagaceira, os de menores condições se alegravam a seu modo, conforme lhes permitiam as poucas posses. As domésticas, esquecidas do trabalho diurno, e não lembrando do dia seguinte, ficavam até altas horas da noite, com seus namorados, pelas esquinas, pelas barracas...

Contudo, a “bagaceira”, se constituía num território inventado pelos populares, para que não ficassem de fora dos festejos da padroeira, tendo em vista que além da segregação social que predominava no referido ritual, eles não tinham posses para se divertirem no pavilhão central da festa. O interessante nisso tudo, é que muitos indivíduos pertencentes ao território chique da festa se sentiam atraídos pela animação, e pela beleza das morenas que balançavam seus quadris nas esquinas e barracas da “bagaceira”. Tornando-se prática comum para muitos homens da “sociedade” após deixarem suas noivas ou esposas em casa continuarem a festa no lugar mais animado da cidade. Pois, era ali onde podiam extravasar os seus “prazeres proibidos”¹⁶. E assim sendo, a ordem do ritual era subvertida, e neste contexto, ao contrário do que ocorria no outro território da festa, na “bagaceira” os desejos eram liberados, e muitos homens que se comportavam ordeiramente no território chique, muitas vezes terminavam sua noite nos braços de uma morena que encontrara no território animado. Enfim, este território

¹⁶ Sobre esse assunto ver: SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa. Arrochar a titela, chambregar e criar um furdunço: divertimentos e tensões sociais em Campina Grande (1945 – 1965). In: Paraíba no império e na república: estudos de história social e cultural. 3 ed. Campina Grande – PB: EDUEFCG, 2006

criado pelos populares, para sua diversão, nos remete a Certeau, que na invenção do cotidiano, estuda as mil e uma astúcias do homem ordinário no sentido de marcar sua presença no mundo, para esse estudioso todos os movimentos do homem ordinário, são movimentos táticos, sendo que:

Chamo de estratégia o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ‘ambiente’. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito com um próprio e portanto capaz de servir de base a uma gestão com uma exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica, ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico. Ao contrario a ‘tática’ é cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto, com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distancia. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstancias. (CERTAEU, 2007:46)

Contudo, organizando um território para sua diversão (já que esses não eram bem aceitos no território chique), os populares se inscrevem também como organizadores da festa, e apesar do nome acenar para algo desorganizado, sem pudor, a “bagaceira” também tinha suas normas, que na verdade se assimilavam mais a códigos de convivência, que a partir da sua diversidade configuravam a “bagaceira” como um território múltiplo. Sendo que dentro do mesmo território, existiam outros territórios, com códigos de convivência que se diferenciavam. Portanto no olhar da elite “a “bagaceira” seria o lugar da desordem da bagunça, da balbúrdia, entre outras denominações. Porém, aquele território destinado a diversão dos populares representava a subversão da ordem social que colocava a elite em posição de superioridade, conforme discutimos no item anterior, quando falamos sobre o pavilhão central. Pois era ali lócus privilegiado da inversão dos papéis, pois a rainha da festa podia muito ser a morena que caminhava faceiramente rebolando os quadris e chamando a atenção de todos, inclusive de membros da elite que como já vimos anteriormente, terminavam sua noite na “bagaceira”, o artista era o boêmio que com seu violão alegrava as barracas fazendo serenatas, enfim ali era o território onde os populares se divertiam e ainda por cima subvertiam a ordem social dominante.

3. Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Fátima. *Paraíba imprensa e vida*: 2. Ed. Campina Grande – PB: GRAFSET, 1986

DA MATA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 2001

_____. *Carnavais, Malandros e Heróis*, para uma sociologia do dilema brasileiro. 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997

- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano 1. Artes de fazer*. 13 ed. Tradução Ephraim Ferreira Alves, Petrópolis –RJ: Vozes, 2007
- DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e sociedade* in: Lazer e Cultura Popular. São Paulo: Perspectiva, 1976
- FERNANDES, Flávio Sátiro. *Na rota do tempo* (datas, fatos e curiosidades da história de Patos). João Pessoa –PB: Imprell, 2003
- _____. *A festa de setembro*, Romance. João Pessoa PB: Letras e artes, 1996
- SIMMEL, Georg. *Filosofia da moda e outros escritos*. Lisboa: texto e grafia, 2008
- SOUSA, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de. *Territórios de confrontos: Campina Grande 1920 -1945*. Campina Grande – PB: EDUFPG, 2006
- SOUSA, José Romildo. *Subsídios para a história da igreja de Patos*. in: revista do instituto histórico e geográfico de Patos. número 02, 2001.
- SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa. *Arrochar a titela, chambregar e criar um furdunço: divertimentos e tensões sociais em Campina Grande (1945 – 1965)*. In: Paraíba no império e na república: estudos de história social e cultural. 3 ed. Campina Grande – PB: EDUFPG, 2006
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. Tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1992

Periódicos utilizados

Patos em revista, edição histórica, 2005

Jornal “A voz do sertão, 15 de novembro de 1915

O FLIRT, ano II, 03 de setembro de 1928

O Espião – jornal oficial da festa da padroeira – ano III, número I, Patos, 23 de setembro de 1943.